

# Duas visões, um mesmo olhar

O secretário municipal de turismo de São Luís concilia dever e prazer numa cidade que se prepara para o choque do turismo

Michel Gorski

O que acontece quando um ativo cidadão, curtidor das peculiaridades de sua cidade, se torna o Secretário Municipal de Turismo? Essa experiência faz parte da trajetória do ludovicense – é assim que se chama quem nasce em São Luís, Maranhão – Marcio Vaz dos Santos, biólogo especializado em ciências ambientais, que tem sob sua responsabilidade as ações de desenvolvimento turístico da capital maranhense.

Vaz dos Santos teve de conciliar o antigo prazer de “uma praia com um barzinho com pé no chão”, que acaba ficando cada dia mais difícil, com a preparação da cidade para o choque do turismo, que se aproxima. São Luís teve um grande impacto de crescimento a partir dos anos 80, mas o antigo centro histórico e comercial da cidade, no bairro da Praia Grande, foi poupado. Salvo a presença de poucas intervenções desastradas, em São Luís – situada geograficamente numa ilha – é possível viajar no tempo simplesmente atravessando uma ponte. A pressão imobiliária, com prédios, condomínios de luxo e shopping centers, ocorre nas penínsulas e a ilha é muito grande. “Isso é o que eu adoro aqui”, completa o secretário.

São Luís ainda não é a bola da vez do turismo, nem está preparada para tanto, mas isso logo acontecerá, pois os jovens já estão chegando. Assim como aconteceu em Arembepe, Trancoso, Praia do Forte, Canoa Quebrada, etc., existe uma certa tradição da descoberta dos futuros “lugares da moda” por levas de animados jovens mochileiros, que a cada ano descolam novos nichos e localizam o que se pode chamar de “vanguarda turística” do Brasil. A moçada já está indo para os Lençóis Maranhenses e também descobriu a magia de manifestações como o bumba-meu-boi e o tambor-de-crioula. Para completar, a região foi descoberta pela TV e virou cenário de duas recentes novelas globais de sucesso no Brasil e no exterior. *O Clone* transformou as dunas dos Lençóis Maranhenses em símile de deserto norte-



africano, enquanto *Da Cor do Pecado* investiu em manifestações da cultura local e aproveitou o charme do casario do centro histórico da capital.

Sobre os efeitos das novelas, Vaz dos Santos diz: “Não temos números ou estatísticas, mas a partir de alguns dados de outros estados, as novelas com ambientação nordestina comprovadamente aumentaram o fluxo turístico da região. Partindo desse mesmo princípio, acredito que teremos um acréscimo de visitas a São Luís. Além disso, a novela aumenta a auto-estima da população, apesar de a pronúncia dos atores, que sempre é diferente da nossa, incomodar um pouco.” As incorreções geográficas também acontecem na ficção televisiva: “Há muita gente que passa por aqui a caminho de Lençóis e, desinformadas, acham que a atração é próxima da capital”.

São Luís, fundada por franceses há quase 400 anos, pode ser qualificada de várias maneiras: foi sede da França Equinocial; para a moçada, é a capital brasileira do reggae; reúne, em seu centro histórico, um conjunto de edificações reconhecido pela Unesco como Patrimônio Mundial da Humanidade. Também é conhecida como a cidade do alumínio, por sediar um importante pólo industrial do produto, ou como a cidade das marés. É ainda a guardiã das tradições do bumba-meu-boi e do tambor-de-crioula; a cidade dos azulejos e até das pegadas de dinossauros da Ponta da Guia. Na verdade, as muitas formas para definir uma localidade podem até dificultar a comunicação. Afinal, não há nada melhor que um bom clichê para atrair o turista padrão a um destino, e denominações como “cidade maravilhosa” ou “Veneza brasileira” estão aí para confirmar essa força, sem dúvida significante.

O grande desafio enfrentado pela capital maranhense, hoje, é conciliar a pressão do crescimento econômico sobre as áreas de preservação histórica e ambiental e preparar a população para saber receber bem os visitantes e com isso melhorar sua própria vida. A qualidade dos serviços é uma reclamação constante dos turistas que visitam a ilha, que também destacam positivamente a limpeza e a iluminação da

cidade. O secretário reforça a diretriz: “Para atrair os visitantes não podemos descaracterizar nossas tradições. Por exemplo, nossa grande festa popular é o São João, que dura quase duas semanas e cuja característica principal são os cerca de 120 arraiais de bairros realizados no período. É uma festa familiar, onde não se cobra ingresso, você senta numa mesinha e pode só tomar um refrigerante ou uma cervejinha e apreciar os espetáculos do bumba-meu-boi e do tambor de crioula.”

Outro fator importante na proposta de ação da Secretaria de Turismo é a continuidade dos programas desenvolvidos com sucesso em outras gestões. Um deles, destinado às escolas públicas municipais, proporciona a 12 mil crianças por ano a oportunidade de conhecer o centro histórico da capital. “A gente primeiro capacita os professores da periferia e eles conduzem a excursão com os alunos ao centro histórico. Tem aluno morador da zona rural que nunca cruzou a ponte, nunca saiu dali. É como morar em São Paulo e nunca ter ido ao Ibirapuera”, afirma Vaz dos Santos.

O turismo em São Luís encontra-se atualmente diante de um paradoxo. A maioria dos visitantes vem do entorno da capital, do interior do Maranhão e do sul do Pará, hospeda-se em casas de parentes e pouco consome dos produtos e serviços turísticos. O incremento de cerca de 30% no número de passageiros, constatado pela Infraero no último ano (mesmo com a diminuição das ofertas de vôos), deve-se ao turismo de negócios, em função da dinamização da atividade econômica. Essa movimentação dos negócios e da economia local, a partir da década de 80, foi decorrente da implantação do projeto Alumar (consórcio produtor e exportador de alumínio) e do Porto do Itaqui, dos negócios da Vale do Rio Doce e o conseqüente desenvolvimento do comércio e dos ser-



Vaz dos Santos: não podemos descaracterizar nossas tradições

viços. Por outro lado o número de leitos na rede hoteleira está praticamente estagnado, com um número mínimo de novas ofertas nos últimos anos.

O que surpreende é como a cidade despertou para as questões ambientais e de infra-estrutura e tenta se preparar para uma futura transformação, voltando-se tanto para o público interno, seus habitantes, como para o público externo, os turistas.

Nesse sentido, novos e ambiciosos projetos estão sendo acompanhados pelo Instituto da Paisagem Urbana de São Luís (IMPU), criado para garantir a qualidade da paisagem urbana, e abrangem os sistemas viário, de drenagens e de áreas verdes, a preservação ambiental, a manutenção sustentada dos mangues, desassoreamentos e contenção dos efeitos das marés (que devido à proximidade da linha do Equador são as maiores do mundo). Um exemplo que se destaca é o projeto de requalificação da foz Anil-Bacanga, especialmente na Ponta da Areia, uma área destinada ao turismo na lei de zoneamento da cidade, que porém não atinge o objetivo em função dos efeitos das correntes marítimas, que causam assoreamento e dificultam a navegação e o acesso ao antigo porto. A ação proposta visa a resgatar todo esse setor, a partir da construção de um quebra-mar, e o resultado final será uma grande área para recreação, lazer e turismo, associada à recuperação do sistema de navegação.

As secretarias municipais de turismo por todo o Brasil, na pessoa dos secretários,

podem e devem fazer o papel de “ombudsman da cidade”, pois o status de secretário permite solicitar a outros órgãos municipais ou estaduais ações pontuais para que o visitante tenha uma boa percepção de todo o ambiente que lhe é oferecido. Não é fácil nem simples. A segurança é estadual, a limpeza e a iluminação são municipais, muitas vezes há até órgãos federais envolvidos. E é preciso convencê-los a participar com seus recursos para que todos saiam ganhando.

O espírito de ser turista em sua cidade fez Vaz dos Santos tentar romper algumas barreiras, tanto físicas como psicológicas. Em alguns locais tombados como patrimônio da cidade, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) não permite nem a colocação de placas de orientação, que dirá programar passeios por antigos túneis como o da Fonte do Ribeirão, há alguns anos redescobertos. A lenda conta que os túneis ligavam as igrejas aos conventos. “Na realidade o túnel de 30 metros dessa fonte não liga à igreja nenhuma, mas divulgamos uma visita guiada, que realizamos uma única vez, e cerca de 150 pessoas se inscreveram”,

conta o secretário, que pensou em outra solução. “O que aconteceu foi que o IPHAN cortou a iniciativa, porque o local havia sido tombado. Então pensei em fazer uma apresentação no local, mostrando em vídeo como era, sem precisar entrar no túnel.”

Se há novidades a serem exploradas, também há ondas que precisam ser contidas, como a descaracterização do carnaval, para citar um exemplo. Segundo o secretário, para quem gosta de axé São Luís tem um carnaval fora de época, em outubro, na passarela litorânea, com todos os trios elétricos que a festa tem direito. Mas também houve um resgate do carnaval tradicional, o carnaval de bloco de rua, do entrudo.

Na condição de secretário-turista, Vaz dos Santos acaba revelando seus refúgios prazerosos na cidade e em seu entorno: “O Bar do João, na praia do Olho de Porco, por exemplo, ninguém conhece. Nem fica no município de São Luís, é no vizinho Passo de Lumiar. Também gosto muito da Ilha do Medo. Na realidade, curto muito São Luís como turista e morador, porque a conheço tanto do ponto de vista ambiental como pela questão turística”. 🌟

## ENTRE O BUMBA-MEU-BOI E O REGGAE

São Luís é uma capital de contrastes. Fundada por franceses, a ilha primitivamente habitada pelos índios tupinambás conta com o maior conjunto arquitetônico de casarões portugueses de todo o país. Rica à custa do algodão, de grande valor no século XIX, viu a roda da fortuna girar quando a nobreza aos poucos foi deixando tudo para trás, em busca de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Terra de tradições fortes como o bumba-meu-boi, atrai os fãs do reggae, hoje tão popular quanto os folguedos juninos.

A cidade, originalmente batizada como Upaon-Açu, ou Ilha Grande, em tupi-guarani, nasceu pelas mãos do nobre francês Daniel de La Touche, em 1612. O Forte Saint Louis, uma homenagem ao rei Luís XIII, deu o nome que a cidade cercada pelas águas das baías de São Marcos, São José, Arraial e pelo Oceano Atlântico ostenta até hoje. Os ínfimos dois graus que a separam da linha do Equador garantem o eterno banho de sol e a luz que inunda os famosos azulejos trazidos da Europa para decorar os sobradões erguidos nos séculos XVIII e XIX.

Embora não tão famosas quanto seu conjunto arquitetônico alçado à condição de Patrimônio Cultural da

Humanidade pela Unesco em 1997, suas praias calmas se estendem por 150 quilômetros. A placidez das ondas, no entanto, contrasta com o agito de bares e restaurantes. Na Praia do Calhau, a mais movimentada de São Luís, as dunas ondulam a paisagem.

A festa do bumba-meu-boi, realizada no mês de junho, é uma das mais tradicionais do país. Mas o tambor-de-crioula também não fica atrás. A dança típica maranhense mescla sons de atabaque e cânticos, numa apresentação ritualística em que as mulheres fazem a coreografia acom-

panhadas de um coro masculino. O tambor-de-crioula aportou na Terra Brasilis com os escravos, no século XVII. Já o reggae, de origem jamaicana, foi apropriado pelos maranhenses, adaptado e reembalado. É tocado em casas conhecidas como radiolas, clubes e bares.

Mas que ninguém ouse deixar as terras ludovicenses sem experimentar o incensado arroz-de-cuxá feito com a folha da vinagreira, ou azedinha. É o prato de resistência do maranhense e vale experimentar.

(Ana Maria Ferraz Tavares)



Trajes do bumba-meu-boi enfeitam a tradicional festividade